

## **A Colecionadora de Rolas**

Seus pais estavam sempre ocupados e delegavam diariamente a guarda da menina à sua tia materna, que era desempregada e também havia uma filhinha, pois eram agricultores e trabalhavam muito para poder sustentá-la; destarte ambas as crianças, Rosângela e sua prima, passavam as tardes correndo ao redor da humilde casa, entretendo-se em brincadeiras que mais exigiam da imaginação do que qualquer outra coisa. Ao final do dia, quando o sol atravessava, ameno, a janela da cozinha, lanchavam pão com pasta de atum: disso ela lembra até hoje. Na calmaria da noite a tia repousava no quarto enquanto as duas assistiam o desenho do tubarão. Por vezes se engasgavam de tanta risada, e riam do engasgar e se alegravam mais ainda. Até que ouviam o barulho das chaves indicando que os pais haviam chegado para buscá-la. E ela se despedia da prima e corria a abraçar os pais. Haviam dias, no entanto, — e assim começa o nosso relato — onde a porta se abria, mas ali não estavam seus pais a buscá-la, mas, sim, o marido de sua tia, que chegava, em estado duvidoso, do que ele chamava de trabalho. Quando isso ocorria o coraçãozinho de criança acelerava, mas a priminha se alegrava, porque sentia saudades do próprio pai, mesmo com aquele cheiro forte de álcool sob qual ele chegava, atitude tão reprovada pela esposa já em repouso. A priminha também, extasiada, logo

escovava os dentes de leite para enfim repousar, enquanto o homem sempre dizia: "de Rosângela, até seus pais chegarem, cuido eu. Vá dormir."

A menina não reagia, porque ouvia do tio, desde a primeira vez, que ele contaria aos seus pais, e eles ficariam furiosos com o que ela fazia, porque a culpa daquilo era dela. Assim dizia o desgraçado. Ele a levava à dispensa. O mundo da garota tornava-se assombroso nessas noites onde seus pais, pelo infortúnio, se atrasavam cinco ou dez minutos para resgatá-la. E o motivo do choro quando os via não era felicidade, como se imaginava, mas ninguém nunca tivera provas para cogitar outra coisa.

Então passou-se uma década, e Rosângela — agora nossa Rosa —, começara a cuidar dos seus fluidos de mulher. Seus pais mudaram-se de cidade levando-a consigo, e cedo, porque ficava sozinha, aprendeu a cuidar de si; cozinhava, lavava e passava as roupas de casa quando voltava da escola. Graças à rotina, talvez, ou a algum mecanismo psicológico, a garota não lembrava mais dos momentos terríveis que viveu na infância sob as mãos — e pênis — do tio, e mais ou menos nessa época, também, começou a desejar coisas diferentes, todas relativas a um misterioso direcionamento sexual, como se, além dos hormônios, aquela vontade fosse um escape da sanidade para lidar com a situação de seu passado, onde o subconsciente, na tentativa de assimilar o trauma, pede mais daquilo do que foi traumático.

Aos catorze anos arranhou três ou quatro namoradinhos na escola, e às vezes os convidava — às vezes ao mesmo tempo— para uma coisa rapidinha no banheiro de deficientes. Quando um menino escapulia para outros amiguinhos sobre o que fazia com Rosângela, ela negava e trocava o rapaz por alguém mais esperto... Sua diversão ficou cada vez mais complexa, porque agora entrava escondida na casa dos garotos, ou faziam no meio das árvores do parque da nova cidade, e algumas vezes levava um ou dois para sua própria casa na ausência de seus pais. Rosa era inconsequente, mas verdadeiramente formosa, sua beleza talvez fora um grande infortúnio, porque era de um tipo que convidava maus homens da vida a persegui-la, encantados e libidinosos.

Dizem que o prazer precisa ser estimulado cada vez mais a fim de manter-se agradável. Isto, devido ao seu efeito viciante. A “coleccionadora”, como veio a ser conhecida, agora com dezoito, deixou para trás todos os estímulos de moralidade duvidosa de sua adolescência. Naquela época foram feitas coisas no mínimo julgáveis em prol de sua satisfação sexual, principalmente porque ainda era uma garota. Por exemplo, gostava e pedia para levar socos dos namorados, na costela, durante as transas. Gostava de ser cuspidada e xingada, por vezes. De se exhibir pelada para desconhecidos. Não era muito exigente sobre o homem com quem dormiria, contanto que pudesse a satisfazer. Uma vez

pediu para que apontasse a arma que carregava e simulasse um estupro, tal era a gravidade subconsciente de seus traumas. Também gostava de seduzir homens que perambulavam pela rua com suas aparentes namoradas. O mais estranho de todos, ademais, e um tanto quanto maníaco, era sua obstinação em colecionar fotos de pênis de homens com quem se relacionava. Quando encontrava um parceiro sexual logo anunciava que tiraria uma foto de seu membro enrijecido. Não tinha cerimônia, era apenas a foto, e podia ser de qualquer modo, garantindo sempre o anonimato do dono do instrumento. Apesar dos momentos de insanidade, deixou para trás os dias de degeneração. E deixou mesmo, porque se apaixonou. Eis um pouco sobre o garoto:

Chamavam-no, na igreja, de Tito. Era um rapaz desastrado, sua pele claríssima dava a impressão de que estava sempre assustado, e andava com muito medo pelas ruas da cidade, olhando de um lado ao outro, como se fosse perturbado por alguém. Poderia se falar que era uma presa fácil para qualquer um que cruzasse seu caminho. Dizem que ficou assim quando fora vítima de gozação na escola.

Os pais de Rosângela, receosos de que a menina estivesse agindo de forma irresponsável — afinal, passava muito tempo sozinha —, e ansiosos em noivá-la com alguém — porque concluíam que mulheres deveriam noivar e procriar na primavera da beleza — passaram a levá-la à igreja. Foi aí que os pais começaram a busca pelo varão ideal,

e Tito, apaixonado pelas curvas amadurecidas da menina, passou a cortejá-la de forma espalhafatosa como o era sempre. Viam-se diariamente e proseavam antes e depois do culto, amenos, sobre qualquer coisa, embora ela nunca lhe informara sobre suas histórias sensuais de adolescente, sugerindo que era moça de poucas experiências. Por fim, acabaram se gostando. Tito se apaixonara pela garota tímida que conhecia, e Rosângela caíra de amor por ele também, e jubilava-se com a possibilidade de redimir perante os céus, com um noivado abençoado, as coisas pervertidas que fazia em outros tempos. Importante ressaltar que ela nem sequer lembrava do ocorrido criminoso por qual passara durante a infância, onde ela fora vítima. E como fora! Sigamos com o pulo do gato dessa história perturbadora.

Rosa começou a trabalhar na floricultura da mãe de Tito, este que, por sua vez, fazia trabalho de escritório numa boa empresa. Já pressionados pelos pais, porque já prosperavam em dinheiro, finalmente resolveram “juntar os trapos”. Na segunda semana de noivado, finalmente, Tito decide querer consumir sua primeira relação sexual, e Rosa se afligia por duas razões: a primeira era que tinha medo da reação do varão caso descobrisse que ela, de alguma maneira, sabia muito bem manejar o momento sexual, porque havia ocultado dele sobre suas dezenas de experiências de cama. A segunda era que amava bastante e tinha medo de desapontá-lo. Desde que noivaram-se Rosângela mudou a

configuração de seus pensamentos: tornou-se boa, sensata, madura e subserviente ao marido, porque o amava. Ela era, enfim, uma mulher.

Em um infeliz sábado, quando Rosa fora trabalhar, seu noivo ficou responsável pela limpeza da casa, e em regozijo, lavava, cozinhava e limpava o lar que construíram juntos. Entrementes, utilizava o computador que compartilhava com a noiva para ouvir música e organizar as tarefas da semana seguinte. Foi assim que tudo começou: O computador viera da casa da infeliz, que utilizava-o vez ou outra. Mexendo nos arquivos daqui e dacolá, Tito abriu desinteressadamente uma das pastas e acabou como se houvessem flechado seu coração. Quando abriu a tal da pasta deparou-se com algo inimaginável: dezenas de fotos, tipos, cores, tamanhos... de pênis! Havia ainda fotos de Rosângela, de muito tempo atrás — e é importante frisar que foram há muitos anos mesmo —, com, digamos, a boca no trombone, e até algumas com sêmen no rosto, fotos estas que comprovavam de certo jeito que foram manuseadas, aceitas e algumas tiradas por ela, em um passado até então enigmático para ele. O que significavam aquelas fotos? Por que nunca fui informado sobre isso? E quando foram tiradas? Quem são esses homens? O pobre, inofensivo, Tito, ficou desestruturado, e em estado de choque, não soube como reagir, como se estivesse desligado do próprio corpo. Depois de respirar fundo e parar de se flagelar com

perguntas sufocantes, escreveu um bilhete no aplicativo de documentos do próprio computador e deixou aberto explicando o que acabara de ver e sentir. Por fim, fora a algum lugar.

Rosângela chegou em casa no início da tarde e procurou pelo esposo. Não estava. No entanto a casa estava limpa. Um brinco. Jogou-se na cama, esperando seu retorno, mas depois de meia hora de cochilo ele ainda não aparecera. E também não atendia o telefone. Preocupada, pensou em procurar nas redes sociais algum recado que o noivo possa ter deixado, porque não fora informada de que sairia, e então foi logo usar o computador. O recado que procurava estava ali, como um pedido de socorro, e havia também aquela pasta aberta com fotos; foi então que ela entendeu o que ocorrera. Rosa, completamente abatida, deixou o computador cair e passou a encarar, desolada, a parede à sua frente. Ela também estava em estado de choque ao relembrar das coisas que fizera — e que fizeram com ela —. Não sabia como proceder a partir de então, seu coração apertava mais a cada segundo. Em seguida, de forma histérica, chorou, ligando incessantemente ao seu homem, que não atendia e não respondia às mensagens. O que transformou seu erro em desespero foi o fato de o amar verdadeiramente, e aquelas fotos foram sobre coisas que aconteceram há tanto tempo que Rosa própria esquecera que estavam no computador. Essa falta atenua a gravidade de ter ocultado informações

sobre seu passado sexual? Você conclua o que quiser, querido leitor. Por fim, caiu desesperada e desfalecida em estado febril grave. Não poderia ligar na casa dos pais de Tito, porque se descobrissem o que ocorrera a repudiariam pelo resto da vida, bem como o pessoal da igreja, bem como, talvez, os próprios pais, resultando então no fim do noivado de qualquer maneira. Ao final da tarde, quando o sol anunciava a despedida, os pais de Tito arrombaram a porta de sua casa, em dor, sem saberem se batiam ou se choravam, enquanto esbravejavam: "Ele nos disse tudo antes de atirar em si e é tudo culpa sua. A culpa é sua!".

Uma semana depois Rosângela e seus pais tinham uma vida completamente diferente do que era. Não escreverei sobre o que disseram seus pais quando descobriram sobre o passado libidinoso, mas digo, breve, que perdoaram-na, porque são pais, e suas lágrimas caem em amor ao filho sempre. Tiveram naturalmente que mudar de cidade, porque a fama que lhes foi dada já se espalhava por todo o distrito. Não podiam voltar também à antiga cidade, onde morava sua prima, e sua tia, e seu tio; por lá ela ficou conhecida pelos garotos espertos e salientes como a “coleccionadora de rolas”, e todo mundo já gozava de seu rosto.

- Pedro Martins Lopes